

À PROCURA DE SI MESMO

A jovem L.S.S., 21 anos, é vaidosa. Em um quartos da enfermaria da Unidade de Psiquiatria do Hospital de Base de Brasília (HBB), guarda, com carinho, em uma pequena sacola plástica, um pouco de maquiagem, uma embalagem pela metade de desodorante, batons e perfume. Todos os dias pela manhã, antes do banho de sol no pátio, onde faz companhia a dezenas de internos da Unidade, a jovem capricha no visual. Arruma o cabelo, contorna o batom nos lábios finos e segue sua rotina, aguardando ansiosa a chegada do final de semana.

Pacientes que apresentam melhora no quadro clínico, geralmente têm permissão para passar o sábado e o domingo em casa. A medida ajuda na recuperação de homens e mulheres que passam pelos 24 leitos da Unidade de Psiquiatria do HBB. “É uma maneira de não perder o vínculo com a família”, assegura a psiquiatra Marlene Damasceno Correa, há seis anos na casa de saúde.

Evangélica, L., a mais velha de uma família de três irmãos, sabe como poucos as passagens da bíblia. “Entendo a palavra de Deus. Todos os dias leio um versículo”, relata. O livro sagrado fica guardado num canto do armário nº 9, distante das mãos ávidas das colegas de quarto. Protegido por uma capa espessa, o livro é um alento nas horas de desespero, quando a paciente sente saudade de casa.

Embora diga a Psiquiatria é como se fosse a sua casa, a jovem não vê a hora de receber alta. Nos últimos dias, L. tem procurado falar menos. Quando pronuncia algumas frases, fala pausadamente. Antes, lembra, “estava mais acelerada”. A médica Marlene Damasceno, que está acompanhando o tratamento, concorda. “Agora ela tem uma certa crítica. Antes não tinha”, comenta.

A jovem tem sonhos. Nas manhãs, quando participa das aulas de desenho e pintura, ministradas por um grupo de voluntárias, ela expressa no papel colorido a vontade de viver em uma pequena casa, onde gostaria de ficar com o namorado. No jardim, mangueiras semelhantes às que trazem um pouco de sombra para o pátio da Psiquiatria. Todos os desenhos são bem guardados, longe da curiosidade das colegas de quarto que só fazem alguns rabiscos nas folhas de papel. “Esse tipo de trabalho traz uma certa noção de organização”, completa a médica.

I.R.S., de 42 anos, ao contrário de L., é mais tímida. Tem fala mansa. De-



L., 21 anos, está na unidade de Psiquiatria do Hospital de Base há mais de uma semana. É evangélica e chegou ao hospital “acelerada”. Hoje está melhor

morou quase uma semana para sair do quarto — tem problemas de depressão. Só queria ficar deitada. Na manhã da última sexta-feira, a paciente, mãe de três filhos resolveu mudar. Sentada em um dos bancos do pátio, com os cabelos pretos presos na altura dos ombros, estava disposta a lutar contra a depressão. “Foi por isso que decidi sair do quarto”, contou. Força de vontade é o que não falta. I. pretende ser uma das alunas de tapeçaria com as voluntárias.

MELANCOLIA

A Unidade de Psiquiatria do Hospital de Base dispõe de 24 leitos para internação de pacientes. O grupo é dividido em quatro quartos. Em média, 20 pacientes permanecem internados, por um período indeterminado, dependendo do estágio da enfermidade. A maioria, mulheres. A equipe tem 8 médicos, 3 enfermeiras, 8 auxiliares de enfermagem e nutricionista.

Nos quartos, a ventilação é míni-

ma. Janelas altas, sempre fechadas, impedem a passagem dos raios de sol. Há pouca claridade entre as camas espalhadas pelos cantos. As paredes não ostentam quadros ou gravuras. Tudo é melancólico. As internas têm pouco o que fazer. Quando não estão no pátio, encostadas nos bancos e cadeiras, cercadas por uma grade de arame reforçado, com o olhar perdido, preferem ficar deitadas nas camas simples.

Algumas observam o teto. Parecem não saber o que procuram. Há momentos em que se agitam. Pouco tempo, porém, ficam inertes. Os armários são trancados. Cada uma guarda, nas pequenas portas, segredos e lembranças de casa. Obje-

tos trazidos pelos familiares nos dias de visita.

Na sala de televisão, o aparelho está sempre ligado. Poucos prestam atenção à programação, em geral,

desenhos animados. O som alto não incomoda. Alguns permanecem sentados nos bancos de madeira ou no antigo sofá, com revistas e livros usados nas mãos. Mal chegam a folhear uma ou duas pá-

ginas. Num canto da sala, uma mulher insiste em bater com o chinelo no chão. Bate com força, inúmeras vezes. Tanta força que parece machucar a palma da mão direita. Desiste em seguida, mas permanece prostrada no mesmo lugar.

O corredor da unidade traz al-

guns quadros em tapeçaria. Os trabalhos, feitos por ex-internos, dão um colorido especial às paredes cinzentas. Por ali, homens e mulheres circulam diariamente. Alguns correm. Por pouco não tropeçam na barras dos aventais amarrados. Outros caminham lentamente. Nem se incomodam com o corre-corre dos colegas. O corredor funciona ainda como passarela para as jovens mais vaidosas, que dividem espaço com enfermeiros e médicos.

A psiquiatra Marlene Damasceno Correa, 20 anos dedicados à especialidade, já se acostumou com a movimentação na unidade. Para a todo momento para dar atenção aos internos. Senta, conversa, faz um carinho no rosto e segue seu destino. Conhece a história de cada um. Aos 48 anos, a médica avalia que a maior recompensa no trabalho com os doentes da psiquiatria é a certeza de que o esforço valeu a pena. “Vê-los sair pela porta bem, voltar para casa, é o melhor”, afirma.

“VÊ-LOS SAIR PELA
PORTA BEM, E VOLTAR
PARA CASA, É O
MELHOR”

Marlene Damasceno Correa
psiquiatra